

**PAISAGENS SOLITÁRIAS: AS TAPERAS NO SUL DO ESTADO DO RIO
GRANDE DO SUL**

Cesar De David - UFSM
Lauro Cesar Figueiredo – UFSM

Mesa Temática 5: Patrimônios, Cultura e Identidades

Contato: laurocfigueiredo@hotmail.com

PAISAGENS SOLITÁRIAS: AS TAPERAS NO SUL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Cesar De David - UFSM
Lauro Cesar Figueiredo - UFSM

RESUMO:

O conceito de paisagem na Geografia Cultural surge como importante elemento para a leitura das representações sociais. No entanto, deve-se fazer um importante contraponto com a paisagem fragmentada, que nem sempre consegue apreender a diversidade de relações que o espaço compõe. Seu potencial de interpretação se intensifica quando recorremos a outros conceitos como território e territorialidade. Objetiva-se com este artigo elaborar uma reflexão espacializada, a partir das taperas que compõem a paisagem rural de Santa Maria, da Região Sul do Estado do Rio Grande do Sul, onde as expressões humanas, o trabalho, os símbolos (re) desenham as práticas cotidianas. Por meio das relações econômicas e sociais que se materializam nessa área rural, percebemos diferentes formas de (re) produção/construção/organização da paisagem rural.

Palavras chave: Territorialidade, paisagem cultural, taperas, Santa Maria-RS.

Introdução

A organização do espaço analisada pelo viés da Geografia Cultural permite visualizar um mosaico de vida humana com aspectos materiais e imateriais que perpassam o tempo e se materializam no espaço, com múltiplas referências a territorialidades e paisagens que podem coexistir. Nessa perspectiva, essa discussão centra-se na análise das taperas no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem rural, ressaltando as múltiplas esferas que se cruzam, sobrepõem e se relacionam.

Ao se considerar o contexto sócio-cultural que configurou as paisagens no Rio Grande do Sul, pode-se observar que a ação humana que ocupou e organizou esse espaço, até o século passado, fez deste território uma área tipicamente imigratória. Desta forma zonas inteiras passaram pelo desenvolvimento rápido para depois caírem e serem abandonadas pelos seus moradores. Por isso que Sodré (1963, p.465) dizia que nas cartas brasileiras, nos roteiros e mapas a palavra “tapera” é constante. Aos viajantes do nosso interior, mesmo em zonas em que

existe relativo progresso, se deparam, com freqüência, com essas formas que remetem ao passado, próximo ou distante, mas que o tempo ainda não foi capaz de apagar.

Contextualização

O conceito de espaço utilizado pela Geografia é extremamente universal. Sua compreensão já está submetida à compreensão imediata do mundo. Partindo desta premissa, sua primeira apreensão é necessária à existência e, por conseguinte, própria do cotidiano. Todavia, como conhecimento universalmente necessário, o espaço transcende toda a amplitude genérica do conceito. Sua unidade ontológica remete à etimologia do latim *spatiu*, extensão ideal de amplitude inexorável que contém os finitos (GIL FILHO, 2005).

Quando Santos (2004, p.63) afirma que o espaço é formado por um “conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistema de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”, isto significa dizer que o espaço pode ser urbano ou rural e pode apresentar diferenças segundo a escala estabelecida para análise. Este conjunto de elementos, referenciados acima, denota que o espaço rural representa o conjunto das formas constituídas entre a sociedade e a natureza, em uma paisagem socialmente produzida, por meio da marcante presença da cultura e da técnica, no qual se evidencia a presença de elementos materiais e simbólicos que relegam ao lugar traços identitários (FROEHLICH, 2004).

Corrêa e Rosendahl (1998) afirmam que, para além das dimensões físicas e naturais, a paisagem possui outras dimensões que permitem a ela (a paisagem) conteúdos diferenciados. Segundos os autores, a paisagem possui:

[...] uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre as suas diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados,

expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica. (CORRÊA; ROSENDAHL, 1998, p. 08).

Outra contribuição está em Sauer (1998, p. 23) para quem a paisagem pode ser definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais.

Assim, com base nestes estudos, compreende-se que a paisagem está para além da representação das formas espaciais, isto porque as formas são efeito da ação do tempo e da sociedade sobre o meio, mediadas pela cultura, ou o que Sauer (1998) definiu como *paisagem cultural*.

Considerando a herança clássica da Geografia, a paisagem é a associação dos fatos espaciais que constituem uma unidade e identidade. Sob este alicerce, Sauer (1998) estabelece um equilíbrio associativo entre as relações espaciais e temporais dos elementos da paisagem. A paisagem cultural se formaliza como um produto final da conexão de estruturas humanas. A expressão cultural seria os vestígios da projeção do trabalho do homem relacionado á determinada área. A cultura é o agente, a área natural é o meio, e a paisagem o resultado (GIL FILHO, 2005).

Inspirados em Claval (1999) e em Gamalho e Heidrich (2005), a compreensão de totalidade da paisagem cultural perde seu valor se for direcionada apenas por seus elementos objetivos, como forma, função, processo e estrutura. Para os autores, os fatos objetivos, mais facilmente mensuráveis, não conseguem captar, integralmente, a amplitude das manifestações culturais que, cada vez menos se assentam sobre o conteúdo material, mas sob sistemas de representação e valores que permitem às pessoas se afirmarem, se reconhecerem e constituírem coletividades.

É no viver cotidiano que está oculto o significado da paisagem, onde é construída e reforçada a relação entre sociedade e meio, entre técnica e natureza e, os significados e representações que possam mediar o entendimento dos sujeitos envolvidos. Segundo Cosgrove (1998, p.101), “a cultura não é algo que funciona através dos seres humanos; pelo contrário, têm que ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, muitas das quais são ações não reflexivas, rotineiras da vida cotidiana”.

Gamalho e Heidrich (2005) acrescentam ainda que os aspectos subjetivos da cultura deixam suas marcas no espaço e, explicam os significados, decifram os modos de vida, as ações humanas, enfim, as marcas que o homem imprime no espaço. Nesse sentido, torna-se relevante destacar que a paisagem cultural possui temporalidades que, embora com características bem diferentes, são contemporâneas nas construções simbólicas e representações sociais.

Seu entendimento se enriquece quando existe a possibilidade de associar, a partir da análise da paisagem cultural, outros elementos que compõem o pertencer de um grupo, sua territorialidade e sua identidade. São construções humanas que legitimam e reforçam sua relação com o espaço e o território. Essas relações imprimem marcas, delimitam posse, tanto concreta quanto simbólica, do território (HAESBAERT, 2003).

Quando se despreza a dimensão simbólica do território, mesmo quando se enfatiza o seu caráter político, apenas uma parte dos complexos meandros do poder, perde-se a compreensão de sua totalidade. Conseqüentemente, a territorialidade pressupõe Influência mútua, circulação e contato humano que são comunicados pela energia e informação para dissimular, controlar e influenciar idéias e ações de outros e apropriar-se dos recursos.

Para Heidrich (2006), a objetividade de uma territorialidade, na qual se visualiza certa singularidade da relação sociedade-espaço, é resultado de vínculos que um grupo, uma coletividade ou um sujeito estabelece com o espaço. Pode ser de posse (de estar, de localizar-se), de valor (de uso, de produção econômica e de transformação do meio em utilidade social e cultural) e de pertencimento, ligados à produção de uma consciência e representação simbólica.

Pode-se compreender, a partir desta discussão que a paisagem e a territorialidade, enquanto dimensões interconectadas, estabelecem relações de poder, usos e concepções de uso, sentimentos de pertença e de identidade. Optar pelo diálogo destes conceitos remete a uma perspectiva onde o espaço deve ser analisado pelo viés de sua complexidade.

Taperas: vestígios da técnica e da cultura

As taperas constituem paisagens solitárias, ou seja, recantos esquecidos nas áreas rurais, apreendidas como memórias que se sustentam na paisagem, no lugar, nos objetos. A capacidade de evocação encontra ali uma base para a sua permanência e nesta base formam-se as identidades. A paisagem constitui um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste freqüentemente para as sociedades do passado.

Sodré (1963, p.465) descreve essas paisagens como casebres e choupanas, isoladas e perdidas, abandonadas de seus moradores e entregues ao tempo. São pequenos núcleos de povoamento, que chegaram a atingir um nível de progresso interessante, quando entram a declinar, a tal ponto que os povoadores abandonam as suas casas, procurando ganhar a vida em outros lugares, e aquele conjunto fica ao sabor do tempo, tornando-se uma tapera (Figura 1).



Figura 1: Antiga casa abandonada, de arquitetura tipicamente colonial, transformada em tapera. (Arquivo particular/2009)

Muitas vezes os próprios caminhos que levavam a tais lugares se tornam meras picadas, que o mato cobre e que dificilmente o viajante encontra e distingue. Tendo

o núcleo gerado caminhos, o declínio apaga os roteiros que levam as taperas. Nas viagens pelo interior, em zonas distantes, o encontro com as taperas é relativamente freqüente. Há zonas em que elas surgem uma a uma, indicando a antiga passagem de progresso e de vida, e o abandono posterior, por motivos os mais variados. As taperas isoladas encontram-se em todos os recantos brasileiros, mesmo em zonas ricas.

O processo de modernização do espaço rural foi e ainda é responsável pela transformação dos estabelecimentos rurais em taperas. A introdução de novas técnicas de produção agrícola que modificaram os sistemas de produção ou que dão novo significado aos já existentes, age também sobre as relações de trabalho.

Além dos graves impactos causados ao meio natural, devido ao uso intenso e impróprio de técnicas e de produtos químicos foi responsável pelo aumento da desigualdade. No campo a concentração fundiária tornou-se maior, o êxodo rural aumentou e os meios de produção modernos tornaram-se quase que inacessíveis aos pequenos produtores. A concentração da propriedade fundiária resultou no esvaziamento do campo.

O lugar da moradia, depois de abandonada a propriedade, tornou-se o domínio da monocultura, que avançou sobre o que antes foi o jardim, a horta e o pomar. Isolada no meio da grande lavoura de arroz ou da soja, a antiga habitação tornou-se um lugar ermo, silencioso, sem nenhuma função além daquela de guardar na memória as formas de uma paisagem do passado.

A paisagem das taperas

Muitas vezes invisíveis aos olhos não habituados ao lugar, as taperas, em geral, constituem traços indeléveis nas paisagens, pois o tempo, implacável, deixa poucos vestígios do que a propriedade rural foi outrora. Com o passar das décadas, a casa, as bem-feitorias agrícolas e, mas rapidamente, pomares e quintais são consumidos, não restando senão resquícios percebidos apenas pelo traçado do relevo que denuncia que no local já houve alguma construção. São identificadas apenas pelos moradores mais antigos do lugar, que conhecem a história. Por vezes,

algum tijolo ou pedra testemunha o passado já apagado da memória dos habitantes, mesmo dos mais antigos (Figura 2).



Figura 2: Tapera onde nota-se a presença do antigo jardim e do pomar, o que denota o caráter recente do abandono da residência. (Arquivo Particular, 2009).

São comuns, no entanto, taperas constituídas de antigos pomares que alimentavam de frutas os antigos moradores e que hoje alimentam as crianças das redondezas e os viajantes que cruzam pelos caminhos e se abastecem de laranjas, bergamotas, pêssegos, caquis, abacates, peras, figos, goiabas, limões e outras frutas que pendem maduras em árvores cujos troncos e galhos denotam sua idade avançada. Os pomares, outrora freqüentes nos estabelecimentos rurais, além de suprir grande parte da nutrição dos habitantes do campo, seja “in natura”, seja através de compotas¹, geléia e doces, também eram responsáveis pela geração de parte da renda do estabelecimento, através da comercialização desses produtos. Oferecer um doce de fruta à visita era um traço marcante da sociabilidade camponesa no sul do Brasil, denotando apreço e consideração.

Taperas são lugares abandonados que povoam o imaginário da população do campo e testemunham um tempo em que as relações com a terra estavam

¹ Espécie de doce em calda feito de variadas frutas, mantido em conserva.

impregnadas de afetividade. Rompido os vínculos entre pessoas e lugares, resta a migração para a cidade, ou a extinção da família, redesenhando as paisagens desoladas das ruínas.

Ressignificadas quando o espaço rural adquire outras funções, as paisagens das taperas podem sofrer revitalização. É o caso da revalorização de áreas rurais para o estabelecimento de segundas residências. A ocupação do espaço por “neo-rurais” pode levar à reconstrução ou restauração das casas ou ruínas, a fim de que sirvam para o lazer das famílias nos finais de semana ou em épocas de férias e veraneios. Não raro, paisagens antes degradadas pela ação do tempo são recuperadas reconstituindo o rural como espaço de lazer e descanso.

Considerações Finais

Registros de antigas territorialidades rurais marcadas pelo trabalho familiar, as taperas do sul do Brasil constituem o que Santos (2002) chamou de rugosidades: “o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço”. Suas formas duráveis ou efêmeras representam culturas e técnicas de um dado momento histórico em que as famílias de agricultores residiam no campo e estabeleciam suas relações. Com a transformação do campo, os agricultores deixam de viver sobre a terra em que produzem e migram para a cidade. Resta no campo um “espaço-paisagem” que “é o testemunho de um momento de um modo de produção nestas suas manifestações concretas, o testemunho de um momento do mundo” (SANTOS: 2002, p. 173).

O registro de antigas territorialidades rurais marcadas pelo trabalho familiar está presente na paisagem das taperas do sul do Brasil e representam um passado/presente carregado de símbolos e significados. Tem-se aí a constituição da identidade territorial, denotando as relações de posse e pertencimento.

A valorização atual do passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em instituições de memória ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares, essa valorização vem dando um sólido suporte à procura pela diferença. A busca da identidade dos lugares tão

alardeada na contemporaneidade tem sido, fundamentalmente, uma busca de raízes, uma busca de passado.

Os elementos se cruzam na composição da identidade dos moradores de outrora. Ao mesmo tempo em que se expõem registros de tempos passados, há a influência do novo, como um mosaico de vida humana com muitos patamares de significado, como um cruzamento de diversas temporalidades e espacialidades.

Referências

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998. 123 p.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92–122.

FROEHLICH, J. M. A (re) construção de identidades e tradições: o rural como tema e cenário. In: FROEHLICH, J. M.; DIESEL, V. (Orgs). *Espaço rural e desenvolvimento regional*. Ijuí: EDUNIJUÍ, 2004. 312 p.

GAMALHO, Nola Patrícia; HEIDRICH, Álvaro Luiz. *Paisagem Híbrida, territorialidades múltiplas e territorialidades diversas: notas para discussão a partir da leitura da paisagem do Vale do Rio Três Forquilhas (RS)*. In: Anais do 1º Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações. Curitiba:UFPR,v.1, n.1, 2007.

GIL FILHO, Sylvio F. *Geografia Cultural: Estrutura e Primado das Representações*. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro:UERJ, n.19-20, Jan/Dez.2005 :, pp.51-59.

HAESBAERT, R. *Da desterritorialização a multiterritorialidade*. In: Boletim Gaúcho de Geografia. Porto Alegre, nº 29, p. 11-24, jun 2003.

MARTINS, Leandro Correa. **Grupos virtuais: seu emprego pode estar aqui**. Disponível em: <<http://www.negociosbr.com/vercarreira.asp?id=159>>. Acesso em: 20 jul. 2004.

HEIDRICH, A. L. "Territorialidades de inclusão e exclusão social" In: REGO, N., MOLL, J. e AIGNER, C. (ORGs.). *Saberes e práticas na construção de sujeitos e*

espaços sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006, p. 21-44.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p.384.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Edusp, 2002.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, [1925]1998. p. 12-74.

SODRÉ, Nelson Werneck. Tapera. In: *IBGE, Tipos e Aspectos do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE – Conselho Nacional de Geografia, 1963.

BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Caderno de Ciências da Terra**. São Paulo, 13 (11-27), 1971.

MORO, Dalton A. A organização do espaço como objeto da geografia. **Boletim de Geografia**, Maringá, 10 (01), dez.-1992.

PASSOS, Messias M. **Perspectivas de eco-história aplicada ao estudo da paisagem**. Santa Rosa: Universidad Nacional de La Pampa, 2001.

RIBAS VÍLAS, Jordi. Planificación y gestión del paisaje rural. In: BOLÓS, Maria de. **Manual de ciência del paisaje: teoria, método y aplicaciones**. Madrid: Masson, 1992.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. 9ª ed. São Paulo: Record, 2002.

FAJARDO, Sergio. Paisagem rural e território econômico: possibilidades de leitura do espaço geográfico. In: **Anais-XIV Semana de Geografia: Geografia e cinema: Poder, territorialidade e movimentos sociais**. Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Guarapuava. UNICENTRO, 2005, p. 31-39.

